

Os estudos de defesa e a produção acadêmica militar no Brasil

Patrícia de Oliveira Matos 

Força Aérea Brasileira.

Universidade da Força Aérea (UNIFA).

Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

pomatos@hotmail.com

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



A imbricada relação entre pesquisa, desenvolvimento e Forças Armadas, ou antes, entre o conhecimento científico e a guerra é conhecida há séculos, dentro e fora do ambiente estratégico e do planejamento militar. Entretanto, essa relação se tornou ainda mais visível, e com consequências mais profundas, a partir da Segunda Guerra Mundial e do período que a seguiu, marcado por inovações disruptivas que mudariam o curso do desenvolvimento e da produção industrial global. No Brasil, essa percepção acompanhou formulações de estratégias de desenvolvimento e esteve presente no pensamento geopolítico nacional, de tal forma que as Forças Armadas brasileiras contaram com um forte aparato científico-tecnológico, como laboratórios de P&D do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, escolas de engenharia, como o IME e o ITA, e parcerias com universidades e centros de pesquisa.

Por outro lado, se a pesquisa científica no campo das engenharias e da tecnologia estiveram arraigadas à formação e à capacitação militar, as áreas do conhecimento vinculadas às ciências humanas e sociais receberam menor atenção por parte das Forças Armadas brasileiras ao longo do século XX. Embora sejam destacadas a participação de militares na geopolítica e as contribuições da Escola Superior de Guerra, é somente a partir da segunda década do século XXI que começa a surgir, dentro das instituições de ensino superior das Forças Armadas, o interesse pelo desenvolvimento da *pesquisa científica* situada no espectro mais amplo da ciência política, dos estudos estratégicos e das relações internacionais. Ainda que essas disciplinas estivessem de algum modo contempladas em cursos de formação militar, não teriam se tornado objeto ou base teórica para a formulação de hipóteses, solução de problemas ou novas proposições doutrinárias que envolvessem a atuação dos militares. A formação militar, devido às suas peculiaridades, mantinha-se também restrita ao ambiente da caserna e independente, jurídica e formalmente, do sistema nacional de educação (SNE).

A criação de programas de pós-graduação *stricto sensu* por organizações de ensino superior vinculadas ao Ministério da Defesa em ciências militares, estudos marítimos e ciências aeroespaciais, na esfera das ciências humanas, refletiu esse momento de transição no qual os estudos de defesa foram incorporados ao Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), possibilitando maior compartilhamento do conhecimento produzido entre escolas militares e univer-

sidades. As instituições de ensino militares passaram oferecer cursos de mestrado e doutorado em áreas de concentração até então reservadas a oficiais e, ao mesmo tempo, receberam docentes e pesquisadores com formação acadêmica de excelência, o que vem gerando, de um lado, aumento da massa crítica nacional em defesa e, de outro, enriquecimento na formação teórica militar em disciplinas fundamentais ao pensamento estratégico, além da prática do método científico como elemento para a tomada de decisões.

É interessante observar que esse momento apresenta duas vias: a maior abertura das instituições militares à academia e vice-versa, a maior aproximação da comunidade acadêmica civil ao tema da defesa. Suas bases podem ser encontradas na criação do Ministério da Defesa em 1999, no lançamento do Programa Pró-Defesa, seis anos depois, que ampliou redes de cooperação entre instituições militares e universidades e, também, na criação da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED) nesse mesmo ano, que congregou acadêmicos e pesquisadores da defesa nacional, naquela época pouco numerosos no país.

Desde então, a produção científica brasileira no campo vem ganhando corpo e qualidade, o que pode ser observado, entre outros aspectos, pelo maior volume de publicações em periódicos de alto impacto. Os estudos de defesa, característica e desejavelmente interdisciplinares, vêm ainda se desdobrando em outras áreas das ciências humanas e sociais aplicadas, tais como a política internacional, a economia de defesa, a história militar, a antropologia militar, o ensino militar, entre outras. É também patente o aumento no número de pesquisadores brasileiros que têm a defesa nacional como objeto de estudo, e o amadurecimento e profissionalização dos periódicos científicos oriundos das escolas militares.

É neste cenário que se inscreve a Coleção Meira Mattos, veículo que tradicionalmente vem contribuindo para a divulgação das ciências militares e dos estudos de defesa no Brasil. A presente edição explicita esse amadurecimento e a interdisciplinaridade mencionada ao contemplar a política internacional nos artigos *“Estudos sobre a presença militar terrestre: o caso indiano como desafio para o Brasil”*, *“O papel da ZOPACAS nas políticas externa e de defesa do Brasil no século XXI”* e *“As duas dimensões da guerra financeira”* este último em interface com a economia de defesa. Esta por sua vez, foi abordada nos artigos *“A indústria de defesa brasileira na era da guerra irregular: principais contribuições e desafios tecnológicos”* e *“Desafios da inovação como estratégia para a geração de capacidades militares terrestres”*. A edição traz, ainda, a temática do ensino militar no artigo *“Epistemologia da prática na formação continuada de professores da Academia Militar das Agulhas Negras”*.

Com grande entusiasmo, nós, membros da comunidade acadêmica da defesa, celebramos os importantes passos já realizados, embora cientes de que ainda há um longo caminho a percorrer para a consolidação dos estudos de defesa no Brasil. E este caminho relaciona-se, sem volta, à proximidade entre acadêmicos civis e militares e ao reconhecimento da importância das ciências humanas e sociais para a formulação do pensamento estratégico nacional.